

MARÍLIA DE DIRCEU E OS PRENÚNCIOS DO ROMANTISMO: UMA LEITURA CRÍTICA¹

Maria Edileuza da Costa²
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UFPB

I- INTRODUÇÃO

Marília de Dirceu e os prenúncios do romantismo: uma leitura crítica, tem a intenção de apresentar um estudo da obra *Marília de Dirceu*, do autor árcade Tomás Antônio Gonzaga. A referida obra é cronologicamente incluída no Arcadismo, porém submetida a um estudo que busque a sua contextualização, permite-nos encontrar traços românticos. O objetivo dessa pesquisa foi portanto, detectar prenúncios do romantismo em *Marília de Dirceu*. Esses traços românticos contidos nos argumentos poéticos de Gonzaga foram detectados através de interpretações e comparações de líras. Alguns poemas de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu nos permitiram uma comparação com as líras do nosso poeta, comprovando a presença de tais características. Todas as líras usadas nessa pesquisa foram retiradas do trabalho crítico de Melânia Silva Aguiar - edição do bicentenário (1992) e como suporte teórico foram usados os trabalhos críticos de: Alfredo Bosi, Antonio Candido, Fernando Cristóvão, Eduardo Frieiro, Adelto Gonçalves, Fábio Lucas, Ruedas de La Serna e outros.

II- DIVISÃO DA PESQUISA:

A pesquisa divide-se em 3 partes: na primeira parte, cujo título é *Em busca de outras Marílias*, abordamos o trovadorismo, o Classicismo e o Barroco, objetivando encontrar em outros poetas, lirismo condizente com o de Tomás Antonio Gonzaga. No

¹ Dissertação de mestrado. Orientador: Dr. Milton Marques Júnior.

² Professora de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. UERN e Doutoranda pela UFPB.

Trovadorismo, um dos pontos observados foi a recorrência de certas características da poesia dos cancioneros, presentes no universo temático de Tomás Antonio Gonzaga, entre as quais podemos destacar, nas cantigas de amor e nas cantigas de amigo, o lado sentimental, a toada sentida, o tom de lamento, o lirismo, a idealização da mulher como um ser inacessível e a relação estreita entre o amor e a criação poética. Para detectar essa semelhança comparamos a lírica de Tomás Antonio Gonzaga com a de Martim Codex. No Classicismo podemos observar que a figura da mulher foi divinizada e elevada ao esplendor da beleza. Características presente na obra de Gonzaga. E ao compararmos sua lírica com a de Camões, encontramos o antagonismo representado por exemplo, pela alegria e tristeza, referências à mitologia, o tema da incomensurabilidade entre as exigências íntimas da vida pessoal, os meios que lhe são dados para as satisfazer e o amor como tema central. Na abordagem do estilo Barroco, constatamos que a poesia de Gonzaga também absorveu traços ligados à essa estética. A problemática amorosa, o estado de inquietude, o desgosto e sofrimentos ocultos e a preocupação com a passagem da vida foram, entre outros, temas semelhantes a Gregório de Matos.

Na segunda parte da dissertação, *Os Parentescos Falhos*, enfocamos características do Arcadismo, mostrando a semelhança de temas existentes entre o Arcadismo e o Romantismo, a assimilação que houve entre os dois estilos e o que um aproveita do outro. Seguimos o mesmo processo de contextualização até chegarmos em Gonzaga. No item 1, fizemos abordagens sobre a poética de Cláudio Manoel da Costa, Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto, mostrando que: em Cláudio Manoel da Costa, está a mesma busca constante e o sofrimento amoroso do eu-lírico cantadas por Gonzaga; em Silva Alvarenga,

assim como nos outros, o mesmo gênero poético; e em Alvarenga Peixoto, a mesma sensibilidade poética e o lirismo amoroso discursivo. No item seguinte, concluímos que a obra *Marília de Dirceu* é eminentemente lírica por trazer as confissões, recordações e emoções interiores. Encerramos esse segundo capítulo, mostrando que Marília é construída nos moldes românticos, com caracterização de uma personagem em prosa, que só surgirá depois. Ao elaborar a personagem Marília, Gonzaga ultrapassou os moldes árcades e anunciou um novo modelo. A construção de Marília, é a antecipação de uma Carolina, de Joaquim Manoel de Macedo, de uma Cecília, de José de Alencar, e de muitos outros que viriam com o Romantismo.

Na terceira parte do nosso trabalho, foram comentados os encantos do Romantismo através de uma rápida contextualização para enfocarmos as suas características. Passamos, em seguida, ao item 1 A identidade de Marília (um livro *sui generis*) e, ao trabalharmos algumas liras de *Marília de Dirceu*, percebemos que a obra tem muitas características que podem ser consideradas românticas, porém as que mais se destacam são: a valorização dos sentimentos individuais, a idealização da figura feminina, a queixa melancólica, o lirismo amoroso. Vejamos como exemplo um fragmento da lira XXI da primeira parte.

(...)

Não sei, Marília, que tenho,
Depois que vi o teu rosto,
Pois quando não é Marília
Já não posso ver com gosto.
Noutra idade me alegrava
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro:
Hoje, ó bela, me aborrece
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor.
Que efeitos são os que sinto?

Serão efeitos do amor?
(79)

No item 2 desse mesmo capítulo, *Os bucólicos amores "românticos" do pastor* (uma leitura romântica do livro) comparamos a poesia de Gonzaga com a dos românticos: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu. Identificamos, em Gonçalves Dias, o desabafo do coração, a melancolia, o saudosismo, a queixa e o tema de amor, já cantado por Gonzaga bem antes do romantismo. Em Álvares de Azevedo, encontramos a idealização da mulher amada como ser inacessível. Citando Álvares de Azevedo.

ÁLVARES DE AZEVEDO - MEU ANJO

Meu anjo tem o encanto, a maravilha
Da espontânea canção dos passarinhos;
Tem os seios tão alvos, tão macios
Como o pêlo sedoso dos arminhos.
.....

Esse ponto também foi desenvolvido por Gonzaga ao louvar a sua Marília.
Citando Gonzaga.

TOMÁS ANTONIO GONZAGA – LIRAXXVII

A minha amada
É mais formosa
Que branco lírio,
Dobrada rosa,
Que o cinamomo,
Quando matiza
Co'a folha a flor.
Vênus não chega
Ao meu amor.
.....

(159- segunda parte)

Em Casimiro de Abreu, encontramos o lirismo amoroso, a tristeza e o sofrimento do eu-lírico que já atingira, bem antes, o poeta Tomás Antonio Gonzaga. Citando Casimiro:

CASIMIRO DE ABREU - MINH'ALMA É TRISTE

Minh'alma é triste como a rola aflita
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

.....

Citando Gonzaga:

TOMÁS ANTONIO GONZAGA - LIRA XXXIII

Morri, ó minha Bela;
Não foi a Parca ímpia,
Que na tremenda roca,
Sem ter descanso fia.
Não foi, digo, não foi a morte feia,
Quem o ferro moveu, e abriu no peito
A palpitante veia.

.....

(170 - segunda parte)

O último item tratado no nosso trabalho foi *O romântico em Gonzaga ou as sombras árcades do Romantismo*, no qual fizemos algumas interpretações de lirias da primeira e segunda partes da obra. Detectamos principalmente na primeira parte, que Gonzaga foi um verdadeiro árcade, porem um árcade que já trazia as marcas do Romantismo. EX;

LIRA I - primeira parte

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

.....
(29 - primeira parte)

Na segunda parte da obra, o poeta mergulha numa sombra de tristeza, passando para o eu-lírico a melancolia e a angustia dos poetas posteriores.

LIRA XV - segunda parte

Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro,
Fui honrado pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado.

.....
(134 - segunda parte)

Por fim, constatamos também que, nas últimas liras, o poeta constrói a sua autodefesa e, ao construí-la incorpora a rebeldia e o heroísmo dos românticos. EXS:

LIRA XXXII

(...)
Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marília, vivo,
Encosto na mão o rosto,
Fico às vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pesar ativo!

.....
(168)

LIRA XXXV

Se lá te chegarem
Aos ternos ouvidos uns tristes gemidos,
Repara, Marília,
Verás que são meus.
Ah! dá-lhes abrigo,
Marília, nos peitos,
Aqui os conserva

Em laços estreitos
Unidos aos teus.
(...)

Chegando este dia,
Os braços daremos:
Então mandaremos
De gosto e ternura
Suspiros aos Céus.
Por-me-ão no sepulcro
A honrosa inscrição:
Se teve delito,
Só foi a paixão,
Que a todos faz réus.
(174-175-176)

Nessa lira, notamos que o eu-lírico em lamentos sofre uma dor intensa e luta desesperadamente para exterminá-la, buscando abrigo na figura da Marília amada. O final da lira nos remete ao poeta ultra-romântico Álvares de Azevedo (1831-1852), que nos parece ter se inspirado nesta lira quando no poema Lembranças de morrer diz: "Foi poeta - sonhou - e amou na vida".

Atormentado pela nostalgia de um mundo que não mais existe e tentando salvar-se das forças que o conduzem, o poeta escreve a Lira XXXVIII, buscando angustiosamente um consolo para sua dor, como também convencer as autoridades da sua inocência.

LIRA XXXVIII

Eu vejo aquela Deusa,
Astréia pelos sábios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança numa mão, na outra espada.
O vê-la não me causa um leve abalo,
Mas antes, atrevido,
Eu vou procurar, e assim lhe falo:
Qual é o povo, qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no atentado/
Americano Povo!

O povo mais fiel e mais honrado!
Tira as Praças das mãos do injusto dono,
Ele mesmo as submete
De novo à sujeição do Luso Trono.

(...)

Eu, ó cega, não tenho
Um grosso cabedal, dos pais herdado.
Não o recebi no emprego.
Nem tenho as instruções de um bom soldado.
Far-me-iam os rebeldes o primeiro
No Império, que se erguia
À custa do seu sangue e seu dinheiro?

Aqui, aqui de todo
A Deusa se perturba, e mais se altera;
Morde o seu próprio beijo;
O sítio deixa, nada mais espera.
Ah! vai-te, então lhe digo, vai-te embora;
Melhor, minha Marília,
Eu gastasse contigo mais esta hora.
(180-181-182-183-184)

Nessa lira, notamos que o poeta dá menos ênfase ao lado espiritual da melancolia, incorporando e destacando a rebeldia do herói que se volta contra a sociedade, o destino, o sistema judiciário e até contra Deus. O poeta torna-se crítico, rebelde, inquisitivo e revelador, características que serão desenvolvidas mais tarde pelos românticos. Ao contrário de outras liras, não tem lágrimas, tem o grito de justiça, a deligência inovadora. O poeta crê em si mesmo, no mundo que cria, nas reformas que prega.

III- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Podemos dizer ainda que Tomás Antonio Gonzaga incorporou muito da sua experiência pessoal à poesia escrita antes e durante a prisão. Essas experiências dão à sua obra mais subjetividade, espontaneidade e emotividade, traços que serão mais tarde

aprofundadas no Romantismo. Em *Marília de Dirceu*, o poeta desabrocha para o lírico, trazendo para os seus versos um amor romântico, e através de liras e poemas sonoros consegue alcançar a sua mais alta expressão, revelando pleno domínio do gênero. Sendo um texto poético, no qual os amores de Marília e Dirceu tornam-se a força dinamizadora, a obra converte-se em um movimento dialético entre o documento e a poesia. Há nela um eixo de narratividade dentro de um contexto situacional. Tem como tema o amor cheio de pureza, construído em universo ideal.

Podemos dizer também que suas liras tendem a racionalizar a perenidade do sentimento, algumas vezes traídas pela fobia do inverossímil ou pela contenção do arrebatamento passionai. A quase totalidade dos poemas refere-se, direta ou indiretamente, a Marília e dela recebe nova força interpretativa. A obra mantém as características mais gerais da poética árcade. Dela, porém, podemos extrair um inspirado corpus de enaltecimento e beleza, com características nas quais podemos perceber prenúncios do Romantismo. Essa dualidade que existe em Marília de Dirceu é o que permite-nos classificá-la como uma obra de transição.

Vale lembrar ainda, que não houve uma análise da obra *Marília de Dirceu*, houve, sim, análises de algumas liras. Salientamos também que outras características do Romantismo poderão ser encontradas nas liras trabalhadas, como também naquelas que não foram nem aqui mencionadas, o que pode ser tomado como incentivo para futuras e novas pesquisas nessa área do conhecimento.

IV- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Álvares. *Obras Completas*. Ed. organizada e anotada por Homero Pires. 8 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

- BOSI, Alfredo. *A Dialética da Colonização*. São Paulo: companhia das letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. Uma Aldeia Falsa In. *Sala de Aula*: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1986.
- _____, *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, v. 1 e 2.
- _____, *Literatura e sociedade*, 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- CRISTÓVÃO, Fernando. *Marília de Dirceu de Tomás Antônio Gonzaga ou a poesia como imitação e pintura*. Vila da Maria, Imprensa Nacional – casa da Moeda, 1981, temas portugueses.
- COSTA, Cláudio Manoel da. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903. V.1 e 2.
- FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego: como era Gonzaga e outros temas mineiros*. Ed. 2, São Paulo: Itatiaia, EDUSP, 1981.
- GONÇALVES, Adelto. *Gonzaga, um poeta do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. ed. do bicentenário com prefácio e notas de Melânia Silva de Aguiar. Rio de Janeiro: Garnier, 1992.
- LUCAS, Fábio. *Luzes e trevas*. Minas Gerais no século XVIII, Belo Horizonte: UFMG, 1998.